

UMA CONDIÇÃO NECESSÁRIA

Não é o que acontece que nos define, mas como lidamos com o acontecido.

Desde os anos 1920 que os gestores da administração federal do Brasil não mostram visão de futuro, desejo, interesses e ações para iniciar o lento processo de construção de um sistema universitário para o país, por meio da elaboração de um bom, estruturante e balizador Plano de Política Universitária.

Talvez, o fato histórico a seguir ajude os gestores do MEC a tomar alguma decisão a respeito da necessidade ou não, de ser iniciado o processo para criação de um bom sistema universitário para o país. Recomendamos que, a decisão tomada seja anunciada à sociedade brasileira.

Esse fato histórico anunciado é o seguinte. Ao ser criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, Decreto Estadual nº 6.283, de 25/1/1934, a Comissão Organizadora dessa instituição, formada por Júlio de Mesquita Filho, Paulo Duarte e Fernando de Azevedo, com o objetivo de instituir um padrão de boa qualidade na FFCL-USP, comissionou o professor Theodoro A. Ramos (1895-1937) para ir a Europa contratar bons professores das áreas de matemática, física teórica, química teórica e experimental, ciências biológicas,

ciências humanas para iniciar as aulas dos diversos cursos que seriam ofertados pela FFCL-USP.

O professor Theodoro Ramos viajou e contratou na Europa diversos bons professores de vários países, todos nas áreas já citadas que, de imediato viajaram para São Paulo. Os resultados oriundos dessa ação foram um sucesso para a FFCL-USP, para a USP, para o estado de São Paulo e para o Brasil, pois além da formação e da graduação de bons profissionais, a FFCL-USP iniciou no país o processo de pesquisa científica e o processo de formação de discípulos; graças ao desempenho e a experiência dos professores europeus que aceitaram trabalhar em São Paulo.

Observamos nessa ação, uma boa visão de futuro para o estado de São Paulo por parte da Comissão Organizadora da FFCL-USP. A pergunta natural é a seguinte: por que os gestores do MEC nos anos 1930 e seguintes não se espelharam nas ações da Comissão Organizadora da FFCL-USP, para iniciar o processo de formação do sistema universitário brasileiro? Lembramos que a USP é uma instituição estadual.

Na cidade do Rio de Janeiro, como efeito da causa de intelectuais locais e, espelhando-se na ação da Comissão Organizadora da FFCL-USP, foi criada em moldes modernos e, formada por diversas Escolas, uma das quais fora a Escola de Ciências, a Universidade do Distrito Federal (UDF), por meio do Decreto Municipal nº 5.513, de 4/4/1935. Essa foi uma ação do prefeito da cidade do Rio de Janeiro. Seu primeiro Reitor foi Anísio Teixeira. Essa instituição teve vida efêmera; foi extinta em 1939, em função de acordo feito com o governo federal, que criou naquela data a FNFi da Universidade do Brasil.

Ainda na cidade do Rio de Janeiro, no período entre 1916 e os anos 1920, como ação isolada, diversos intelectuais, dentre eles Manuel Amoroso Costa (1885-1928), lutaram contra a indiferença dos gestores federais com respeito à criação de Universidades no país, e a Associação Brasileira de Educação (ABE), que existia na época e a Academia Brasileira de Ciências (ABC) apoiavam o movimento dos intelectuais. Na década de 1920 alguns intelectuais brasileiros iniciaram a organização da Biblioteca Científica Brasileira cujo principal objetivo fora orientar os jovens cientistas na seleção e leitura de boas obras. Manuel Amoroso Costa participou dessa iniciativa.

Um exemplo marcante da indiferença dos gestores da administração federal do país para com a criação de uma boa Universidade para o Brasil, foi personificada na luta de convencimentos travada nos anos 1950 e início dos anos 1960, por Lúcio Costa, arquiteto criador do plano piloto para a construção de Brasília;

luta que teve o apoio de seus esclarecidos amigos e, que se referia à necessidade de ser criada a UnB.

Como explicitamos em Nota de Rodapé no Capítulo 2, o então Presidente da República fora, no início do processo de construção da cidade de Brasília, contrário à criação da UnB. Somente com o despertar da vaidade do Presidente da República, por parte de um dos amigos de Lúcio Costa é que ele autorizou a criação da UnB. Um fato no mínimo exótico.

Esse mesmo Presidente da República, assim como seus antecessores e sucessores, jamais teve a sábia visão de futuro para o Brasil, para iniciar o processo de criação de um bom sistema universitário para o país; processo que poderia ter sido iniciado por meio da elaboração e execução de um Plano de Política Universitária e, que poderia ser aperfeiçoado com o passar dos anos.

Nos dias atuais, como efeito da causa que chamamos de indiferença por parte dos gestores da administração federal, o Brasil possui um sistema universitário de má qualidade, com exceção de algumas poucas Universidades públicas. Seria coincidência a USP ostentar nos dias atuais a posição de melhor Universidade do país? Ao leitor incrédulo sugerimos a leitura dos documentos elaborados anualmente por *Thomson Reuters* e intitulados *Times Higher Education - World University Rankings*, citados no Capítulo 2.

Atualmente, os gestores do MEC talvez por suposta ausência de um número adequado de neurônios (a média é de 86 bilhões de neurônios que o cérebro humano possui), talvez por supostas pressões corporativas que abundam em Brasília, não têm desenvolvido ações, apesar de nossos alertas, no sentido de criar um Grupo de Trabalho com a missão de elaborar, em curto prazo, um Plano de Política Universitária para o Brasil (PPUB), como citamos no Capítulo 4. Lembramos a esses gestores que são as Universidades de boa qualidade que formam a elite intelectual do país, de onde saem os líderes da nação.

A criação de um bem definido, estruturante, e balizador Plano de Política Universitária é uma condição necessária para que o Brasil adquira condições para formar bons líderes, para se desenvolver de modo continuado, para se modernizar, para criar ciência e tecnologias exponencialmente desenvolvidas e para que possa oferecer a seus cidadãos os benefícios de um sistema universitário de boa qualidade. Não participamos da crença de que o Brasil está fadado a não possuir um bom e bem estruturado sistema universitário.

Senhores gestores do MEC, precisam desvencilhar-se da visão curta de que “nada podem fazer, em função de supostas pressões corporativas existentes em Brasília”, para iniciar o longo processo de construção de um bom sistema

universitário para o país; caso contrário serão apenas eternos míopes incapazes de ver a verdade. Recomendamos que observem os sistemas universitários dos países desenvolvidos e, que se lembrem de suas responsabilidades com a presente e com as futuras gerações de cidadãos brasileiros.

Senhores gestores do Sistema Universitário Brasileiro, não se assemelhem em visão curta, com respeito a necessidade e a utilidade de um bom sistema universitário para a nação brasileira, à visão curta de A. Comte (1798-1857) quando disse à comunidade científica da Europa que seria inútil procurar conhecer a composição do Sol (um problema da astronomia e da física matemática da época), pelo fato de que esse conhecimento não teria utilidade para a sociologia. Quando os astrofísicos descobriram a composição do Sol encontraram gases que existem no planeta Terra. A visão curta de A. Comte fora desmentida.

Senhores gestores do MEC não se recusem a enxergar a questão da má qualidade do Sistema Universitário Brasileiro (SUB). A solução dessa questão é uma condição necessária para salvar o Sistema Nacional de Graduação (SNG) da mediocridade que foi imerso por administrações federais incompetentes. Não contribuam para manter o Brasil estagnado na ignorância científica.

Lembramos que, não haverá futuro para o Brasil se este não possuir um sistema universitário de boa qualidade.